

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

JANE CRISTINA DE CASTRO E CASTRO

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

Trabalho infantil legalizado

Entre 2005 e 2010, mais de 33 mil autorizações judiciais foram concedidas para crianças e adolescentes de 10 a 15 anos trabalharem no Brasil. Saiba por que magistrados de todo o País andam contrariando a Constituição

Por Solange Azevedo

A legislação diz que só maiores de 16 anos podem trabalhar. Mas juízes têm autorizado o trabalho de menores de 15 anos

Mais de 4,3 milhões de crianças e adolescentes trabalham atualmente no Brasil. Dedicam-se a tarefas insalubres e degradantes – em lavouras, carvoarias, nas ruas – em troca de alguns reais. É uma vergonha para um País emergente, que se tornou a 7ª economia mundial recentemente e assinou acordos internacionais se comprometendo a erradicar o problema. O contraditório é que, além de conviver com esse tipo de ilegalidade, o Brasil tem sido obrigado a tolerar também o trabalho infantil autorizado pelos tribunais. Entre 2005 e 2010, juízes deram permissão para 33.173 cidadãos de 10 a 15 anos atuarem em toda sorte de atividades. “Grande parte foi para setores como construção civil, agricultura, olarias e oficinas mecânicas”, afirma Luiz Henrique Lopes, chefe da Divisão de Fiscalização do Trabalho Infantil do Ministério do Trabalho. “Além de contrariar a legislação – que proíbe o trabalho para menores de 16 anos, salvo na condição de aprendizes e a partir dos 14 – esses juízes estão colocando em xeque o compromisso assumido pelo País internacionalmente.”

De acordo com Lopes, não se pode dizer que as empresas que se valem dessa mão de obra estão em situação irregular, uma vez que as crianças e adolescentes contratados têm a chancela do Judiciário e recebem os direitos trabalhistas. Em 2005, primeiro ano em que o Ministério do Trabalho pediu essas informações, as empresas declararam que havia 1.283 menores de 16 anos na ativa. De lá para cá, o número de autorizações cresceu quase cinco vezes até 2010. “Por força desses alvarás judiciais, as empresas conseguem se livrar das

multas. Mas o Brasil não se livra dessa chaga social”, diz o procurador do trabalho Antonio de Oliveira Lima, da Coordenadoria Nacional de Combate à Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente (Cordinfância). “Boa parte da sociedade não compreende a importância de erradicarmos o trabalho infantil. Como as famílias precisam complementar sua renda, muitos juízes acreditam que as estão ajudando. Mas não se pode querer resolver o problema da pobreza violando direitos.”

[...]

Já houve ocasiões em que o Judiciário cassou alvarás porque fiscais fotografaram menores de idade em atividades perigosas ou insalubres e apresentaram as imagens no tribunal. “Essas autorizações têm sido concedidas pela Justiça comum, que não está acostumada às peculiaridades do direito do trabalho”, afirma Gabriela Tavares Miranda Maciel, procuradora no Estado do Rio de Janeiro. “Infelizmente, muitas pessoas entendem que crianças e adolescentes pobres têm de trabalhar porque, se ficarem ociosos, vão fazer o que não presta ou virar bandidos.” Segundo o Ministério da Saúde, nos últimos dois anos, 2.487 menores sofreram acidentes de trabalho no País e 37 morreram.

Isto É – 11/11/11

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Na estrutura da reportagem, encontramos, geralmente, os seguintes elementos: o **título**; o **lead**, cuja função é complementar o título, fornecendo as principais informações da reportagem; e o **corpo**, que é o desenvolvimento do texto propriamente dito.

Identifique no texto as características da reportagem, e como é feito o desenvolvimento do texto.

Habilidade trabalhada

Reconhecer características estruturais de uma reportagem: manchete, lead e corpo de texto.

Resposta comentada

O aluno deve perceber que o lead confirma a afirmativa feita no título e o longo do **corpo** da reportagem, os fatos apresentados no lead são comprovados por meio de exemplos concretos.

ATIVIDADES SOBRE O USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

As revistas geralmente estão comprometidas com a verdade das informações e, por isso, usam a linguagem de uma forma específica, procurando eliminar vestígios de interpretação ou opinião pessoal do jornalista ou revista.

Entretanto, às vezes é possível notar na linguagem utilizada marcas indicativas de certa posição do autor em relação ao fato noticiado.

No primeiro parágrafo do texto é possível notar uma posição ou uma opinião do autor sobre o fato noticiado. Que elementos permitem notar isso e qual é a posição do autor em relação ao fato: elogiosa, crítica, irônica, etc...

Habilidade trabalhada

Identificar marcas linguísticas de impessoalidade, opinião e generalização.

Resposta comentada

[...] É uma vergonha para um País emergente, que se tornou a 7ª economia mundial recentemente e assinou acordos internacionais se comprometendo a erradicar o problema.
[...]

Ao usar a expressão *é uma vergonha*, o autor deixa clara que sua opinião a respeito do assunto é irônica, pois acha tal fato um absurdo.

TEXTO GERADOR II

Namoro no 'recreio' estimula e pode melhorar notas na escola

14 de junho de 2011 - Terra

Selinho entre uma aula e outra e mãos dadas no recreio: pode? Para educadores, proibir o namoro entre colegas não funciona, já que a escola é o principal meio de socialização entre os adolescentes, e as “ficadas” são inevitáveis. Porém, os profissionais afirmam que liberar demais também não dá certo. Diálogo e limites são a resposta.

“Parece mentira, mas estamos numa época em que vários tabus já foram superados, mas o namoro na escola ainda não”, diz Maria Helena Vilela, presidente do Instituto Kaplan, que orienta escolas públicas e particulares na educação sexual dos alunos. Segundo Maria, a maioria das escolas proíbe o namoro nas imediações do colégio, mesmo assim as “ficadas” continuam acontecendo nos ambientes de estudo. “As coordenações dizem que proibem o namoro, mas não avisam os alunos. Eles nunca conversam com os estudantes sobre isso. Então, eles acabam fazendo o que querem”, explica.

Escolas punem sem ensinar Maria conta que, mais de uma vez, presenciou alunos se beijando na escola e, em seguida, recebendo suspensão da direção escolar. “Eles ficam sem saber por que estão sendo punidos. Ou seja, a escola só toma uma atitude em relação a isso quando um fato acontece. Punem sem ensinar”, afirma. Para ela, o diálogo e o estabelecimento de limites são as únicas respostas possíveis. “Também não dá para liberar demais, os adolescentes ainda não estão prontos para saberem sozinhos até onde podem ir com os carinhos em público”.

O coordenador pedagógico de uma escola pública da Bahia, Silvano Sulzart, afirma que a conversa entre a instituição e os alunos aconteceu de forma aberta. [...]

A gente matava aula para poder namorar Felipe Malbergir, 18 anos, começou a namorar Bruna Guidoni, também 18, quando ambos tinham 15 anos e dividiam a sala de aula do primeiro ano do ensino médio em um colégio de São Paulo. Malbergir, que se formou no terceiro ano no ano passado, conta que, durante três anos, o inspetor da escola era a “pedra no sapato” do casal. “Podia namorar no recreio, mas não muito. Quando a gente começava a se beijar demais, o inspetor chamava nossa atenção”, diz. Hoje, já estudante de um cursinho pré-vestibular, ele reconhece que o namoro atrapalhou um pouco os estudos sim. “A gente matava aula pra poder namorar”, diverte-se.

Apesar disso, Sulzart, que também atua como professor de pedagogia na Universidade Estadual da Bahia (Uneb), não acha que a proibição seja a melhor saída. “É comprovado: tudo que é proibido os alunos sentem mais vontade de fazer, e eles fazem. Começam a se beijar escondido, por exemplo. Na minha opinião, deve existir uma liberação moderada, mas o colégio deve deixar claro para o aluno que beijo não pode, mas andar de mãos dadas sim, por exemplo”, diz.

Maria concorda. Para ela, a proibição também é um desvio de foco, uma vez que os alunos podem começar a pensar em formas de burlar as regras, como o exemplo de Felipe e Bruna que matavam aula para namorar. Porém, a liberação sem limites, diz, atrapalha os estudos. “Se os alunos ficarem abraçados e se beijando durante a aula, por exemplo, eles obviamente não estarão concentrados, e inclusive vão estar desviando o foco dos outros colegas”, observa.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 3

Todo discurso é produzido numa situação específica e envolve aspectos como: quem está falando, com que, com que finalidade, em que lugar, em que momento, etc. os jornalistas geralmente assumem um compromisso com a verdade e, por isso, se propõem a relatar os fatos de modo imparcial, isto é, exatamente da forma como aconteceram, sem distorcê-los.

Na notícia lida predomina no discurso da jornalista a 1ª. Ou 3ª. Pessoa? Justifique

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

Na notícia lida, há o predomínio da 1ª. pessoa e o locutor emprega aspas para indicar que a fala de alguém está sendo reproduzida fielmente.

QUESTÃO 4

Nas falas registradas na reportagem, mesmo após a retextualização, ainda podemos perceber a presença de marcas próprias da oralidade. Retire do texto trechos em que acontece essas marcas de oralidade.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a distinção entre oralidade e escrita.

Resposta comentada

“A gente matava aula pra poder namorar”, diverte-se.

Percebe-se nesse trecho o uso de “a gente”, marca da oralidade, pois o autor optou por manter certas marcas da oralidade para conferir naturalidade e veracidade dos fatos.